



A DIVER SIDADE EM PERIGO

PASCAL PICQ

DE DARWIN A LÉVI-STRAUSS

valentina 

A DIVERSIDADE EM PERIGO



PASCAL PICQ

A DIVERSIDADE EM PERIGO

Tradução

Maria Alice A. de Sampaio Dória

valentina

Rio de Janeiro, 2016

1ª edição

Copyright © 2013 by ODILE JACOB

TÍTULO ORIGINAL

De Darwin à Lévi-Strauss – L'homme et la diversité en danger

CAPA

Sérgio Campante

DIAGRAMAÇÃO

Imagem Virtual Editoração

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P666d

Picq, Pascal

A diversidade em perigo: de Darwin a Lévi-Strauss / Pascal Picq; tradução Maria Alice A. de Sampaio Dória. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2016.

272 p. ; 21 cm.

Tradução de: De Darwin à Lévi-Strauss

ISBN 978-85-5889-025-0

1. Antropologia. 2. Humanidade. I. Título.

CDD: 306

16-36457

CDU: 316

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA

Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana

Rio de Janeiro – 22041-012

Tel/Fax: (21) 3208-8777

www.editoravalentina.com.br

Para Julia, minha neta, que nasceu no dia 1º de janeiro de 2013, exatamente 512 anos depois que os europeus descobriram a baía do Rio de Janeiro. Nesse meio-tempo, 10 bilhões de mulheres e de homens viveram na Terra. Espero que a minha geração, que conheceu uma elevação do nível de vida nunca vista na história da humanidade, seja capaz de lhe legar um mundo no qual seus filhos e netos possam escolher seu futuro e o de seus próprios filhos. Desejo que este livro seja uma contribuição para tal. A hominização é isso!

AGRADECIMENTOS

Um livro é como um filho, às vezes difícil. Este exigiu uma longa gestação, e agradeço a paciência e os conselhos de Odile Jacob, sempre atenta a todas as reflexões que vão da ciência para a sociedade. E foi preciso o talento e a cumplicidade de Jean-Luc Fidel, que nunca mereceu tanto seu sobrenome, para tornar mais claro meu pensamento.

SUMÁRIO

Introdução. OS HOMENS DO RIO.....	13
-----------------------------------	----

PRIMEIRA PARTE

Como as viagens formaram a consciência

Capítulo 1. JUVENTUDES CRUZADAS	27
Os Darwin e o início de uma viagem	27
Os Lévi-Strauss e o fim da viagem	32
Um século entre os dois nascimentos	34
A felicidade da vida familiar (34) – Nas duas pontas do progresso (35)	
– O pastor malogrado e o filósofo desanimado (38)	
Capítulo 2. VIAGENS, EXPLORAÇÕES, ENCONTROS.....	41
A viagem do Beagle (1831-1836)	41
Expedição ao Mato Grosso	43
A agitação londrina e a longa maturação.....	45
O exílio, Nova York e as incertezas acadêmicas	47
Capítulo 3. DARWIN, A BIODIVERSIDADE E OS HOMENS.....	51
A descoberta dos mundos em perigo.....	51
As extinções de ontem e de hoje (53) – Os ameríndios entre origens incertas e a certeza da eliminação (56) – A descendência do homem (61)	

Capítulo 4. LÉVI-STRAUSS E O CREPÚSCULO DOS HOMENS	69
<i>O que aconteceu com os índios?</i>	70
<i>Tristes tropismos</i>	73

SEGUNDA PARTE

A inconsciência da evolução

Capítulo 5. O QUE FEZ A EVOLUÇÃO	81
<i>Os caminhos da diversidade</i>	81
<i>Como a biosfera afeta a Terra</i>	86
<i>Cada vez mais sozinho e caminhando para o alto da pirâmide</i>	89
Capítulo 6. O HOMO E A SEXTA EXTINÇÃO	95
<i>Sucesso e declínio dos grandes macacos hominóides</i>	96
<i>Sucesso e declínio dos hominídeos africanos</i>	98
Capítulo 7. O QUE FAZEMOS COM A EVOLUÇÃO	105
<i>O (verdadeiro) pesadelo de Darwin</i>	105
<i>1859 – 1959: um século para compreender a evolução</i>	106
<i>Revoluções industriais e evolução das espécies</i>	108
<i>George Schaller: o último explorador da biodiversidade</i>	110
<i>A criptozoologia e os últimos lampejos de diversidade</i>	114
Capítulo 8. A ANTIARCA DE NOÉ	119
<i>As espécies extintas mais emblemáticas</i>	121
<i>O choque entre marsupiais e placentários</i>	123
<i>Madagascar: o oitavo continente que, em breve, estará perdido</i>	126
<i>Sexta ou sétima grande extinção?</i>	131
<i>As extinções dos períodos históricos</i>	138
<i>É preciso preservar a coevolução</i>	143

TERCEIRA PARTE

Um planeta cada vez mais (não)humano

Capítulo 9. AS BIODIVERSIDADES E OS HOMENS	155
<i>OGM contra diversidade ou a garantia da catástrofe</i>	156
<i>As minhocas e os homens</i>	159
<i>Os jardins da agrobiodiversidade</i>	165
<i>Os animais domésticos, companheiros da nossa história</i>	169

Capítulo 10. O FIM DO <i>HOMO SAPIENS</i> E O SOMBRIO FUTURO DE UMA ESPÉCIE	175
<i>Amadou Hampâté Bâ: uma testemunha africana do século XX</i>	176
<i>Da língua-mãe ao desesperanto</i>	179
<i>Línguas, espécies e meio ambiente</i>	183
Capítulo 11. POR QUE PRESERVAR A DIVERSIDADE?	187
<i>A resposta evolucionista</i>	189
<i>A resposta económica</i>	196
<i>A resposta antropológica</i>	200
<i>A resposta ética</i>	206
Capítulo 12. CAMINHANDO PARA UMA TERRA HUMANA	209
<i>Da Vênus hotentote às cabeças maoris</i>	212
<i>A propósito da cultura</i>	214
Os povos autóctones (215) – A evolução dos textos internacionais (218)	
Capítulo 13. QUAL SERIA O MUSEU DO HOMEM PARA O AMANHÃ?	221
<i>Um Museu do Homem e da evolução que está sendo feito</i>	229
<i>Caminhando para o Novo Museu do Homem</i>	231
Conclusão. <i>APOCALYPSE TOMORROW?</i>	239
<i>As razões do desarrazoamento</i>	240
<i>Edgar Morin e os filósofos na Unesco</i>	244
<i>A nova aposta de Pascal</i>	245
<i>O progresso em questão</i>	248
<i>A caminho de uma terceira era da humanidade</i>	250
<i>A demografia, as mulheres e a ecologia</i>	254
<i>Epílogo: caminhando para um novo mundo</i>	257
Anexo. ESBOÇO DOS PROGRESSOS DO ESPÍRITO E DAS SOCIEDADES HUMANAS	259
1. Eras dos homens e da transformação do mundo	260
2. A era do <i>Homo sapiens</i> e a revolução simbólica	261
3. Eras das agriculturas e das religiões	263
4. Renascimento, imprensa e Novos Mundos	265
5. Primeira revolução industrial, o trem e os jornais	267
6. Segunda revolução industrial (eletricidade, petróleo, química)	269

INTRODUÇÃO

OS HOMENS DO RIO

Com a descoberta da América e, alguns anos depois, com a descoberta da baía do Rio de Janeiro por Américo Vespúcio, o ano de 1492 marcou o fim da evolução natural do *Homo sapiens* que, partindo da África há mais de 50 mil anos, viu as populações da nossa espécie se espalharem por toda a Terra, eliminando, de passagem, as outras espécies – como a Neandertal – mais próximas dele em termos de semelhança e complexidade, e iniciando a sexta grande extinção da história da vida. Assim, o ano de 1492 começou a pôr um fim em 50 mil anos de diversidade biológica e cultural. Cinco séculos depois, a Cúpula da Terra ocorrida no Rio de Janeiro fez um balanço, mas sem mudar o curso das coisas. E vinte anos depois, em junho de 2012, foi realizada mais uma cúpula, denominada Rio+20. O que aconteceu na Terra depois que uma nova geração veio ao mundo? A população mundial aumentou um terço, a biodiversidade

natural e doméstica se degradou consideravelmente, o aquecimento climático é cada vez mais sentido e dezenas de línguas, culturas e etnias desapareceram para sempre.

No entanto, alguns homens já haviam percebido a que ponto o caminho seguido pela humanidade era funesto: especialmente Charles Darwin e Claude Lévi-Strauss. Ambos passaram pelo Rio de Janeiro com um século de intervalo e, se o primeiro não precisou cavalgar muito para se maravilhar com a floresta tropical, o segundo foi obrigado a viajar durante semanas para encontrar os índios. Ao reler *Viagem de um naturalista ao redor do mundo*, do primeiro, e *Tristes trópicos*, do segundo, percebemos que o naturalista antropólogo e o antropólogo naturalista foram testemunhas visionárias da devastação natural e cultural em curso. Se, hoje em dia, eles partissem para uma viagem como a que realizaram e que preludiou o desenvolvimento de suas obras, teriam muita dificuldade em fazer as observações que lhes permitiram abalar as nossas concepções de vida e de cultura.

Por que, então, não os compreendemos e, sobretudo, por que continuamos a não compreendê-los? Por que as mutilações que os homens infligem à Terra e à própria humanidade não despertam uma tomada de consciência maior e ações mais eficazes?

Quando citamos o Rio de Janeiro, nos vem alegremente à memória *O Homem do Rio*, de Philippe de Broca, filme em que brilhou Jean-Paul Belmondo. Foi em 1964. Agora, Philippe de Broca não está mais aqui, Belmondo envelheceu bastante e Steven Spielberg retomou a seu modo a veia das HQ do Tintin.

Quando, ainda jovem, num subúrbio atapetado de verde por terrenos hortícolas, alimentado pelas histórias de Hergé, *A orelha quebrada* e *O Templo do Sol*, eu queria muito viver uma aventura como essa, mas, em *O Homem do Rio*, uma cena me marcou e me marca ainda, todas as vezes que vejo esse filme: a da construção de Brasília, utopia modernista bem no meio do que ainda era uma floresta tropical. A modernidade entrava brutal e intempestuosamente

na minha vida, pois os imóveis daquilo que começávamos a chamar “cidades” na época, com seu conforto moderno tão bem encenado por Jacques Tati, iam empurrar minha família de horticultores, instalada ali havia um século, para mais longe, para o grande Oeste parisiense, transformando-nos numa espécie de índios dos subúrbios. Meus pais tiveram a inteligência de compreender que a sombra dos grandes prédios anunciava o crepúsculo do mundo deles. Depois de atravessar o Sena para se instalarem nas colinas de Argenteuil, com outras cidades cobrindo os campos de papoulas pintados por Claude Monet, eles viram que precisavam mudar de profissão. Os que optaram por persistir tiveram uma vida cada vez mais difícil. Ao escrever estas linhas me voltam à memória os ecos de *La Maison près de la fontaine*. Essa música de Nino Ferrer expressa muito bem a minha infância que deslizava para uma vida moderna.

Naquele tempo magnífico da ORTF (radiodifusão-televisão francesa), víamos o mundo em preto e branco e gravado. O carnaval do Rio de Janeiro nos fazia sonhar, pois era preciso imaginar os ritmos e as cores. E, além do mais, havia o fabuloso time de futebol que dançava o samba liderado pelo rei Pelé e, mais tarde, o encantamento musical de “Garota de Ipanema” e “Corcovado”, de Tom Jobim. O Rio de Janeiro e o Brasil pareciam sonhos inacessíveis e muito longínquos, assim como os relatos do Aeropostale por Saint-Exupéry, evocando a sinistra zona de convergência intertropical no nível do Equador, que ficavam à margem do nosso imaginário.

Depois, *A floresta de esmeraldas*, filmada por John Boorman (1985), não parou de diminuir, Brasília manteve a sua promessa utópica, o voo Rio-Paris foi desativado porque os pilotos não sabiam mais controlar suas máquinas voadoras ultrassofisticadas, as garotas de Ipanema e do Corcovado passaram pelo bisturi da cirurgia estética, o desfile das escolas de samba do Rio passou a ser uma parada para turistas americanos obesos, as favelas se transformaram

em zonas de guerra urbana e, mesmo que Gilberto Gil e Pelé tenham ocupado pastas de ministros, a Copa do Mundo de 2014 não representou o samba, e sim a grana, e tudo isso ao vivo e em cores.

Nostalgia? Não é tão simples assim!

Entre a descoberta da América, em 1492, por Cristóvão Colombo, e a Cúpula da Terra no Rio de Janeiro em 1992, a população humana ficou dez vezes mais numerosa e nunca teve um nível de vida tão elevado. Quando o Clube de Roma publicou o seu famoso relatório em 1972, um terço da população mundial estava atingido pela má nutrição. Posteriormente, ela quase dobrou, e a proporção dos miseráveis foi reduzida para um sexto. Diante desses números, tudo parecia ir cada vez melhor. Entretanto, do ponto de vista darwiniano limitado, que sucesso reprodutor! Do ponto de vista progressista, que avanço! Acontece que, em números absolutos, mais de 1 bilhão de indivíduos sofre de desnutrição e tem sérias dificuldades de acesso à água potável e a um nível de higiene decente. Os desenraizados pelos “avanços” da “civilização” são cada vez mais numerosos, causando a ruína do seu meio ambiente tradicional, fonte de sobrevivência econômica, cultural e identitária.

Este ensaio conta como, desde o aparecimento do gênero *Homo* na África, há mais de 2 milhões de anos, diferentes espécies humanas foram se instalando, pouco a pouco, em todos os ecossistemas da África, da Ásia e da Europa. Depois, chegou o tempo da expansão da nossa espécie, *Homo sapiens*, que atingiu os outros continentes, eliminando outros homens pelo caminho e exterminando os grandes mamíferos das novas terras recém-conquistadas. De uma certa maneira, é a fase de inconsciência das extinções relacionadas ao nosso sucesso evolutivo. Até a tragédia anunciada por Charles Darwin e rigorosamente fustigada por Claude Lévi-Strauss, a da globalização da cultura e do modo de vida do Ocidente. Mas, quem leu e realmente compreendeu a mensagem dessas duas testemunhas conscientes da perda da diversidade, em todas as suas formas produzidas

pela expansão humana? Hoje em dia, podemos medir e avaliar os impactos que o homem causa na biodiversidade natural tanto quanto na doméstica, na diversidade cultural e linguística, como no aquecimento climático, graças a estudos e segundo critérios cada vez mais precisos. Por que, então, tantas críticas e recriminações dirigidas aos cientistas, às organizações e associações que contestam a ideologia do melhor dos mundos para alguns e, ao contrário, militam por mundos melhores para todos? Já é mais do que tempo de compreendermos que a ideologia do progresso que levou a cultura ocidental a dominar o mundo exerce agora um efeito reversivo deletério. Não se trata de fazer um *mea culpa* – o que está feito está feito –, e o Ocidente não tem apenas um balanço negativo. Não podemos nos limitar a dar provas de moralismo retrospectivo: empurrar as responsabilidades para as gerações anteriores não serve de nada. Diante da tragédia anunciada, duas atitudes são possíveis: uma, aparentemente a mais “natural”, é se fechar em si mesmo; a outra, ao contrário, se fundamenta numa verdadeira abordagem evolucionista responsável, cujos fundamentos encontramos em Charles Darwin e Claude Lévi-Strauss.

Já é mais do que tempo de evoluirmos, de nos tornarmos autênticos *Homo sapiens sapiens*: isto é, homens que, finalmente, agem com consciência. Entramos numa era tão recente quanto violenta na escala da evolução, que alguns chamam de Antropoceno por ser marcada pelo impacto das atividades humanas sobre a vida e sobre a Terra. É a era dos homens, mas nos resta pouco tempo para fazer dela uma verdadeira era do homem.

A primeira parte desta obra nos leva aos passos dados por Charles Darwin e Claude Lévi-Strauss, que, na juventude, partiram para a descoberta do mundo, inicialmente pelo mar, um deles num pequeno veleiro empurrado pelos ventos, e o outro em grandes e lentos cargueiros, depois pela terra a pé, a cavalo ou em grandes bois. Naqueles tempos de exploração, não havia descompensação horária

e tinha-se o prazer de falar e conversar com outros homens atravessando latitudes e longitudes. O mundo não tinha a pressa dos negócios. Quando nada destinava esses homens a mudar a nossa visão de mundo, pois um deles por pouco não foi pastor (Darwin) e o outro professor de filosofia (Lévi-Strauss), eles optaram pela aventura. O primeiro, depois de receber uma correspondência inesperada que o convidava a embarcar como naturalista no *HMS Beagle*, e o segundo em consequência de um telefonema, igualmente imprevisto, que o convidava a ocupar um modesto cargo de professor no Brasil. Um deles só teve alguns dias e o outro algumas horas para tomar uma decisão. E uma única e grande expedição bastou para forjar a consciência de ambos sobre o fato de que a diversidade natural e cultural já estava condenada a desaparecer.

A segunda parte estabelece um balanço explicativo da degradação da diversidade natural e cultural. O que é a biodiversidade? De onde ela vem? Foi ao descobrir a diversidade das espécies e a das populações humanas que Darwin, Lévi-Strauss e outros compreenderam que elas procediam de uma história, do que chamamos evolução. Acontece que, desde a expansão do gênero humano, cuja aceleração, há meio século, é assustadora, as taxas de extinção das espécies e de degradação dos ecossistemas se amplificaram como nunca antes, provocando uma sexta grande extinção, tão rápida quanto violenta que, a partir de então, ameaça a nossa espécie. Quanto menor a diversidade, menores serão as chances de sobreviver às circunstâncias, tais como catástrofes naturais de grande amplitude, ou à propagação de agentes patogênicos virulentos. Darwin e Lévi-Strauss insistiram nessa verdade fundamental da vida e da evolução. O *Homo sapiens* se recusa a tomar conhecimento disso.

A terceira parte tenta explicar as razões dessa recusa e se esforça, principalmente, para mostrar como nossos modos de vida destroem a diversidade propriamente humana: os outros povos, as outras

culturas, as outras línguas e todas as variedades de plantas e animais criadas há 10 mil anos.

Seria preciso que todos, a exemplo de Darwin e de Lévi-Strauss, empreendessem uma grande viagem longe das margens das ideologias, das filosofias e das religiões. Não há nada mais funesto do que corpos e pensamentos imóveis. A pior ameaça para o futuro da humanidade é o antropocentrismo, essa crença originária da metafísica que instala o homem numa posição arrogante no centro da história da vida e do Cosmo. Esse antropocentrismo gera a loucura demiúrgica e tecnicista que incita a acreditar que as técnicas, produzidas pela genialidade dos homens, garantirão o futuro de todos nós, alimentando as ingênuas utopias do tipo New Age e outro transumanismo. Totalmente inexato. Ao destruir o que resta de diversidade, não estamos cometendo um crime contra a humanidade? É isso o que este ensaio tenta mostrar.